



Interações: Cultura e Comunidade
ISSN: 1809-8479
ISSN: 1983-2478
interacoes.pucminas@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Brasil

A trajetória do catolicismo na várzea, em Pelotas-RS: o caso do Padre Pedro Balduino Rambo, S.J.

FARINHA, Alessandra Buriol; CERQUEIRA, Fabio Vergara

A trajetória do catolicismo na várzea, em Pelotas-RS: o caso do Padre Pedro Balduino Rambo, S.J.

Interações: Cultura e Comunidade, vol. 13, núm. 23, 2018

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313056746020>



Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhamento Pela Mesma Licença.

A trajetória do catolicismo na várzea, em Pelotas-RS: o caso do Padre Pedro Balduino Rambo, S.J.

The Trajectory of Catholicism at Várzea, Pelotas-RS: the case
of Fr. Pedro Balduino Rambo, S.J.

Alessandra Buriol FARINHA * alefarinha@yahoo.com.br
Fabio Vergara CERQUEIRA ** fabiovergara@uol.com.br

Interações: Cultura e Comunidade, vol.
13, núm. 23, 2018

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, Brasil

Redalyc: [https://www.redalyc.org/
articulo.oa?id=313056746020](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313056746020)

Resumo: O presente trabalho objetiva dar visibilidade a memórias relacionadas à trajetória do catolicismo da região conhecida como Várzea, na cidade de Pelotas, localizada no sul do Rio Grande do Sul, Brasil. A contextualização se deu através da análise de estratégias de sociabilidade utilizadas pelo padre Pedro Balduino Rambo, S.J., o qual, com um carisma diferenciado, reconhecido pela preocupação com os pobres, marcou a gênese, a história e a religiosidade dos moradores da Várzea, bairro Nossa Senhora de Fátima, na década de 1950. No que se refere às fontes, usaram-se documentos da Arquidiocese de Pelotas, fontes primárias como o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (1965) e a obra de autoria do Pe. Viriato Bodas (1986), fotografias antigas, periódicos locais de meados do século XX, bem como depoimentos de antigos moradores do bairro, coletados através da metodologia de História oral entre os meses de março e abril de 2016. As contribuições do Pe. Rambo na constituição deste bairro, sua forma de socialização, sua maneira de vincular a religiosidade a diversas motivações sociais, vivem na memória dos que testemunharam seu breve sacerdócio na localidade e que hoje podem reproduzir aqueles tempos.

Palavras-chave: Pe. Rambo, História, Memória, Bairro da Várzea, Pelotas.

Abstract: The present work aims to give visibility to the memories related to the trajectory of Catholicism in the region known as Várzea, at the city of Pelotas, located in the south of Rio Grande do Sul, Brazil. The contextualization is defined through the analysis of strategies of sociability used by the Jesuit priest Pedro Balduino Rambo. He had a very particular charisma, recognized thanks to his concern with the poor people, marking, in the 1950s, the genesis, history and religious feeling of the Várzea district and the neighborhood of Our Lady of Fatima. Regarding the sources, the research used documents from the Archdiocese of Pelotas, the Livro do Tombo of the Parish of Our Lady of Fatima (1965) and the work by Father Viriato Bodas (1986), as well as ancient photographs, journals and testimonies of former residents of the neighborhood, collected between March and April 2016 through the methodology of oral history. The contributions of Father Rambo to the constitution of this neighborhood, his way of socialization, of linking religiosity to diverse social motivations, remain alive in the memory of those who have witnessed his short priesthood in this parish and who can reproduce those times today.

Keywords: Fr. Rambo, History, Memory, Várzea District, Pelotas.

1 Introdução

A escrita deste artigo partiu do interesse pela história de vida do padre Pedro Balduino Rambo, S.J., principalmente nos seus últimos anos de vida, quando este atuou no Bairro Nossa Senhora de Fátima, de Pelotas,

em meados do século XX. O Pe. Rambo é conhecido no lugar como uma “lenda urbana”, estimado por antigos moradores, principalmente pelas obras sociais planejadas e executadas por ele no decorrer de cinco anos de atuação no local. Nesse período de tempo, com articulações políticas, estratégias de sociabilidade, o Pe. Rambo foi apto a compor uma rede de solidariedade capaz de transformar o Bairro de Fátima em termos de urbanização, acesso à educação, saúde, saneamento e assistência religiosa.

A partir do estudo, foi possível conhecer o contexto histórico de desenvolvimento social e econômico dessa região de Pelotas e analisar de que forma as obras e ações do Pe. Rambo contribuíram para melhorias fundamentais na rotina dos moradores do bairro. Foi possível compreender o que Bourdieu (1996, p. 190) chama de “superfície social”: a descrição da realidade e da trajetória do local para desenvolver reflexões sobre uma vida particular, como em um relato biográfico. Como afirma Del Priore (2009, p. 10), “O indivíduo não existe só. Ele só existe numa rede de relações sociais diversificadas”.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi registrar fatos históricos, memórias, documentos fotográficos, impressões sobre a vida do Pe. Rambo, paralelamente à constituição do Bairro Nossa Senhora de Fátima, de Pelotas, recorrendo à história oral, técnica aplicada entre alguns antigos moradores do bairro. As memórias do bairro e do Pe. Rambo, estudadas para este trabalho, partem principalmente de vivências locais, de sorte que conhecer a história do bairro é fundamental para entender por que o padre se tornou o que é na memória social local.

Pedro Balduino Rambo[1] ingressou na Companhia de Jesus[2], em Pareci Novo, no dia 1º de março de 1921. Após estudos de filosofia e teologia, professou seus últimos votos como jesuíta no ano de 1938. Em 1940 encontrava-se atuando em Pelotas. Nesta cidade, trabalhou primeiramente no Círculo Operário Pelotense [3]. Atendia também na Santa Casa de Misericórdia. Nesse período, preocupado com a situação de miséria e falta de instrução da comunidade, fundou a Sociedade de Assistência Escolar (SPOHR, 2011, p. 522). Através desta, fundou as escolas Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora de Fátima, esta última localizada na região da Várzea de Pelotas[4] (Figura 1), na época conhecida como “Vila do Sapo”. As duas instituições atendiam crianças carentes, filhos de operários e de famílias em situação de pobreza ou desemprego.

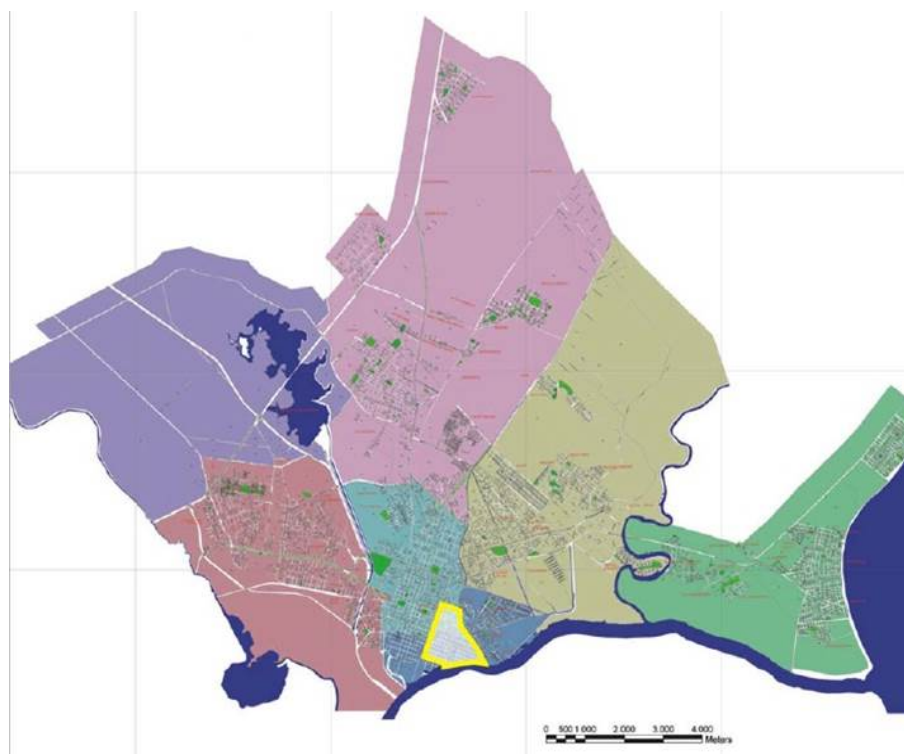


Figura 1

Zona urbana de Pelotas.

Em amarelo, a sudeste, demarcada a Zona da Várzea

Mapa base da Secretaria Municipal de Urbanismo de Pelotas (ESSINGER, 2009, p. 22).

Em 1954, o Bispo de Pelotas, Dom Antônio Zattera, encarregou o Pe. Rambo do atendimento pastoral da “Vila do Sapo”. Assumindo essa missão, além de evangelizar, sua preocupação estendeu-se para a situação social e educacional. Primeiramente construiu uma capela no bairro. Além de ser um espaço para missas, catequese e sacramentos, a capela também era utilizada como sala de aula para o ensino fundamental de crianças, atividades comunitárias, reuniões de moradores do bairro, espaço para jogos como pingue-pongue, quermesses, festas, festivais de música, dança, dentre outras atividades. A capela servia também de abrigo, pois a região era alagadiça, e sofria com as enchentes periódicas. De acordo com os depoimentos orais e com os registros fotográficos, havia intensa participação popular na capela.

Com a chegada de mais famílias, o bairro cresceu. Pe. Rambo então idealizou construir algumas salas de aula, atrás da capela, para tanto angariando recursos e mobilizando a cooperação da comunidade. Seu objetivo era ampliar o número de alunos e melhor atendê-los. Como resultado dessa iniciativa, veio a ser fundada a escola Nossa Senhora de Fátima [5]. Em anexo ao prédio da capela, construiu-se também um ambulatório para o atendimento médico. Pe. Rambo empenhou-se, ainda, junto às autoridades municipais, para que se mudasse o nome de “Vila do Sapo” para Bairro Nossa Senhora de Fátima, assim viabilizando, inclusive, investimentos em obras de saneamento básico.

Logo a capela se tornou pequena para a demanda de moradores do bairro. Pe. Rambo então teve a ideia de construir uma igreja maior,

separada da escola, de modo a melhorar o atendimento pastoral. Andou pela cidade, pelas comunidades e empresas, pelo setor público e por municípios vizinhos, com o escopo de pedir contribuições para viabilizar essa obra. De acordo com documento deixado pelo Pe. Viriato da Graça Bodas (1986) [6], ao começarem as obras da nova igreja, Pe. Rambo trabalhava junto com os pedreiros (muitos destes eram moradores da comunidade e voluntários), sem contudo deixar de atender as pessoas da comunidade e de cumprir suas obrigações em outras instituições.

No dia 03 de dezembro de 1959, pela manhã, cinco anos após sua chegada no Bairro Nossa Senhora de Fátima, Pe. Rambo estava trabalhando na obra da nova igreja, e no intervalo para o almoço, no trajeto entre o bairro e a Residência dos Jesuítas em Pelotas (esquina entre as Ruas Tiradentes e Almirante Barroso), sua motocicleta, que transitava na preferencial, foi atingida por um caminhão com freios deficientes. Foi socorrido, mas os ferimentos foram fatais. Antes de morrer, pediu que não punissem o caminhoneiro que o atropelara, e que não esquecessem a festa de Natal da escola Nossa Senhora de Fátima, que já estava organizada. Essa tragédia é lembrada até hoje pelos mais longevos. A cidade parou para acompanhar as cerimônias de sepultamento do Pe. Rambo, que jaz em uma sepultura de mármore, na entrada da Igreja Nossa Senhora de Fátima.

De acordo com a “fala local” [7], a obra da nova igreja era sua “obsessão”; andava “maltrapilho”, pois dava tudo o que tinha aos pobres do bairro, e exausto, pois ajudava na obra sem deixar de cumprir outros deveres de sacerdote. Como narra um periódico (1939a e 1939b) da época: “Sua aparência era humilde, quase rude [...]”. Abdicou de sua vida pessoal em função de uma causa coletiva, o que justifica esse estudo, focado em caracterizar e interpretar sentidos de sua trajetória e memória na posteridade: os testemunhos de sua atuação e de passagens de sua vida não caíram no esquecimento entre antigos moradores do bairro.

As bases documentais para a elaboração dessa pesquisa foram documentos da Arquidiocese de Pelotas, da Companhia de Jesus de Pelotas e Região Sul, o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (1965) e o histórico da paróquia, elaborado pelo Pe. Viriato da Graça Bodas (1986), além de antigos registros fotográficos, periódicos da época (1939a; 1939b) e principalmente depoimentos de antigos moradores do bairro Nossa Senhora de Fátima [8], os quais conheceram, trabalharam e/ou conviveram com Pe. Rambo. Os relatos foram coletados utilizando a história oral, com entrevistas semi-estruturadas, aplicadas entre os meses de julho e setembro de 2016, buscando evidenciar memórias sobre o personagem estudado. De acordo com Portelli (2010, p. 07), é comum as sociedades serem desenraizadas e desarticuladas de seus modos tradicionais de viver, de trabalhar e de se relacionar, de modo que a história oral pode se constituir uma profícua alternativa para acessar às memórias desses, de maneira que tem se tornado uma metodologia significativa de coleta/construção de dados, cada vez mais reconhecida na academia pela possibilidade de proporcionar a compreensão de elementos não evidenciados na documentação escrita. Foram selecionados para este

estudo dois depoentes, em razão do relacionamento direto que estes mantiveram com o Padre Rambo.

Ao ter acesso à fala dos moradores do bairro [9], foi detectada a comoção, a emoção de cada relato, oferecendo detalhes sobre as ações do Pe. Rambo junto à comunidade, às famílias, bem como sobre seu interesse pelo bem estar de cada morador, sobre sua inquietação diante da pobreza, do desemprego e de doenças. Nesse contexto, lembramos o que nos fala Ricoeur (1994, p. 119): “porque estamos no mundo e somos afetados por situações, tentamos nele nos orientar por meio da compreensão e temos algo a dizer, uma experiência a levar à linguagem e a partilhar”.

2 Tempos iniciais: formação e primeiras missões do Pe. Rambo [10]

Pe. Pedro Balduino Rambo (Figura 2) nasceu em Tupandi, distrito de Montenegro, RS, em 21 de fevereiro de 1903. Era filho de Catharina e Jacob Rambo [11], brasileiros, descendentes de imigrantes alemães. Com 18 anos, ao terminar o ginásio no Seminário de São Leopoldo, ingressou na Companhia de Jesus, em Pareci Novo, em 1º de março de 1921, tendo como mestre de noviços o Pe. Leopoldo Arntzen. De acordo com Spohr (2011, p. 521), foi admitido aos primeiros votos no dia 09 de março de 1923. Na sequência, estudou dois anos de retórica em Pareci Novo, em 1923 e 1924.

Estudou filosofia no Colégio de Pullach em Munique, Alemanha, de 1925 a 1928. De volta ao Brasil, cursou o magistério no Colégio Anchieta de Porto Alegre, de 1929 a 1932. De 1933 a 1936 estudou teologia no Seminário Central de São Leopoldo. Foi ordenado padre em Porto Alegre no dia 28 de outubro de 1935 (SPOHR, 2011, p. 521). Emitiu os últimos votos da Companhia de Jesus em 1938.



Figura 2

Fotografia Pe. Pedro Balduino Rambo

Fonte: Acervo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

Em 1940, residindo em Pelotas, foi auxiliar do Pe. Agostinho Scholl no Círculo Operário Pelotense (COP). Atuou como superior da residência dos Jesuítas de Pelotas de 1943 a 1951. Atendia diariamente na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, onde era capelão [12]. Trabalhou também por vários anos no hospital de Beneficência Portuguesa. Foi professor no Seminário São Francisco de Paula de Pelotas. Fundou a Sociedade de Assistência Escolar em 1º de julho de 1950, e através dela a Escola Nossa Senhora das Graças [13] (em 06 de abril de 1952), que atendia junto ao COP. Dedicava-se à obra da Sociedade de Assistência Escolar (SPOHR, 2011, p. 522). Dirigiu por 14 anos a Congregação Mariana de Homens de Pelotas [14], “[...] os quais lhe tinham muita estima e veneração, ao ponto de o auxiliarem nas suas obras assistenciais” (SPOHR, 2011, p. 522). Conforme a citação, este era um dos grupos que contribuíam financeiramente para as obras assistenciais idealizadas pelo Pe. Rambo.

Em 1947 chegaram os primeiros moradores na região da Várzea de Pelotas, o qual seria futuramente o lugar da maior missão do

Pe. Rambo. Esta região tinha terreno inóspito, de mato, com árvores nativas, banhados e pequenas sangas. Além disso, o chamado “Canal do Pepino”, que vinha da Zona Norte de Pelotas, cruzava toda a zona da Várzea, deixando águas pluviais estagnadas, juntamente com detritos de esgotos mal acabados, atraindo sapos que “durante a noite alegravam, ou incomodavam moradores e visitantes com suas vozes características”. Por isso a região era chamada de “Vila do Sapo” (BODAS, 1986, p. 02).

Pela insalubridade, mau odor e alagamentos, era uma região de habitações populares, sem receber a devida atenção do setor público. De acordo com o documento do Pe. Viriato da Graça Bodas, alguns chalés foram construídos em lugares tão alagadiços que, por baixo deles, havia água durante todo o ano. Em 1952, após melhoramentos no saneamento, começaram a chegar mais famílias, que somavam em torno de 25 até o final de 1954.

3 A capela, a escola: a trajetória do catolicismo na Várzea

Devido ao aumento expressivo da ocupação na Zona da Várzea, no ano de 1954, o Bispo Dom Antônio Zattera encarregou o Pe. Rambo como responsável pelo atendimento pastoral local (MENDES e ALVES, 2010, p. 49). A chegada do padre no bairro é lembrada por um dos depoentes:

Eu me lembro. O Pe. Rambo chegou, do nada. Tinha um bar ali, na rua da escola, ainda tem o bar até hoje. E ele apareceu de motociclo, aquilo era fantástico de ver, um padre, de batina, com a batina levantada, andando de motociclo. Ele levantava, metia no cinto e andava. Aquilo era uma característica dele. E a moto era uma moto boa, uma moto alemã, grande, meio marrom, uma moto potente. Eu estava lá, ele começou a chegar, começou a aparecer no bar, pedia uma cerveja e um cigarro, e ficava jogando conversa, depois levantava, pegava a moto e ia embora (Depoente 2, 69 anos, antigo morador do Bairro Nossa Senhora de Fátima).

Podemos aferir, pelo depoimento acima, que o estilo do Pe. Rambo era diferenciado, frequentando o bar local, fumando e tomando cerveja, provavelmente com a intenção de “se enturmar”, estabelecer laços sociais no bairro que lhe fora confiado para atendimento espiritual. Relatos como este nos fizeram considerá-lo como um “homem comum”, pois, apesar da autoridade, da liderança religiosa inerente ao seu título de padre, fazia questão, nas suas atitudes, lembradas pelos que o conheceram, de não demarcar essa hierarquia no convívio com os demais.

Pe. Rambo, sem estrutura necessária para dar atendimento e ministrar sacramentos, se empenhou, como dito acima, em angariar fundos para a construção de uma capela que também acolheria a escola. A pedra fundamental da capela foi colocada em 19 de dezembro de 1954. No dia seguinte começaram as obras. Em 20 de março de 1955 houve a primeira missa na capela e, no dia 25 do mesmo mês, iniciaram-se as aulas, como testemunham documentos conservados no Acervo Histórico da Escola Pe. Rambo.

Na capela ocorriam sacramentos, missas, catequese, batizados e outras atividades. A capela também era utilizada como sala de aula, onde duas professoras, servidoras municipais, davam aulas para crianças da

comunidade, em nível fundamental, de 1º e 2º anos. Na Figura 4, pode-se verificar o prédio da capela, já ampliado com as salas de aula ao fundo.

Configura-se assim a fundação da Escola Nossa Senhora de Fátima, na Avenida Juscelino Kubitschek esquina com a Rua Frederico Trebbi. De acordo com Mendes e Alves (2010, p. 49), para a fundação da escola, Pe. Rambo foi auxiliado pela Congregação Mariana de Homens e pela Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, além da Sociedade de Assistência Escolar, grupos em que exercia influência.



Figura 4

Fotografia da Capela e Escola Nossa Senhora de Fátima

Acervo particular do depoente 2.

A capela permaneceu funcionando para sacramentos e atividades religiosas, conduzidas pelo Pe. Rambo, na parte da frente da edificação. Nas Figuras 5 e 6 podemos ver, respectivamente, Pe. Rambo diante de um altar improvisado, na capela da escola, e uma turma de catequese, no dia de sua primeira eucaristia.



Figura 5
Pe. Rambo na capela da escola
Acervo particular do depoente 2.



Figura 6

Fotografia de crianças celebrando a primeira eucaristia, defronte à escola

Acervo particular do depoente 2.

O Depoente 2 relata ainda o que lembra sobre a construção da capela, das salas de aula e também sobre as atividades que ali ocorriam:

A construção da capela foi uma coisa tão rápida que eu nem me lembro, só lembro quando lançaram a pedra fundamental, eu estava lá, em 19 de dezembro de 1954. A primeira coisa que construíram foi a capela. Ele trouxe, não sei se da Santa Casa ou da catedral, um altar de madeira, muito bonito, todo trabalhado, todo torneado, ele colocou ali. Ali tinha catecismo, e nós jogávamos pingue-pongue de noite. O meu irmão foi presidente do centro lá, eles rezavam a Ave Maria às seis da tarde, no microfone [...]. Daí começou a ter aula, e as aulas eram na capela mesmo, tinha 1º e 2º ano, repartiam o salão no meio. Mais tarde construíram as salas de aula, para separar a capela da escola e depois o ambulatório, no terreno ao lado. Umas duas vezes por semana o Pe. Rambo reunia o pessoal para rezar o terço, depois a gente arredava as cadeiras para jogar pingue-pongue, de noite a gente estava sempre ali (Depoente 2, 68 anos, antigo morador do Bairro Nossa Senhora de Fátima).

De acordo com o depoimento, havia lideranças, um centro comunitário que atuava tendo como sede a capela, onde era possível também entreter-se, jogar pingue-pongue à noite. O som do microfone que existia na capela, mencionado pelo depoente, era propagado pelas redondezas através de um alto-falante, disposto na parte superior esquerda da capela, o qual pode ser visto na Figura 4. O alto-falante da capela agradou a grande maioria, mas não a todos, conforme relata a Depoente 1: “Eu já era moça. Com uns 14 anos participava da missa ali na capela do Pe. Rambo. Tinha um alto falante na capela, por causa das quermesses... uns vizinhos não gostavam do barulho, se mudaram”. Esse pode ser caracterizado como um exemplo de conflito existente naquele período, provocado pela vontade do próprio Pe. Rambo, responsável pela construção da capela. Lembramos nesse contexto o que Bourdieu (2006, p. 184) nos fala, sobre o aceitar o “postulado do sentido da experiência narrada”. Durante a pesquisa, foi

encontrada também uma antiga fotografia do Pe. Rambo diante do altar de madeira (Figura 7), mencionado pelo Depoente 2 na citação acima:



Figura 7

Pe. Rambo diante do altar de madeira, na capela da escola

Acervo particular do Depoente 2.

Na capela eram realizados bailes comunitários, festivais, quermesses, festa da padroeira, formaturas de cursos profissionalizantes, reuniões, dentre outros eventos, com o apoio e presença do Pe. Rambo (Figuras 08 e 09). O Depoente 2 lembra que a maior parte dos eventos era realizada com o intuito de reunir fundos para a construção de uma igreja maior, a qual o Pe. Rambo chamava de Santuário:

Eu trabalhei muito com o Pe. Rambo. Eu promovia festas para angariar fundos para a construção da nova igreja. Nas salas de aula da escola nós fazíamos chás-dançantes. No salão, na capela, nós fazíamos apresentações de teatro, dança, de música, programa de calouros [risos] (Depoente 2, 68 anos, antigo morador do Bairro Nossa Senhora de Fátima).



Figura 8

Pe. Rambo e homens do bairro em evento na capela da escola
Acervo particular do Depoente 2.



Figura 9

Fotografia de crianças do bairro em um evento na capela da escola
Acervo particular do Depoente 2.

Pe. Rambo, conforme já dito, era conhecido pela personalidade. Era compositor, fazia letras e músicas, e as ensinava para o povo cantar. A maioria era em honra à Virgem Maria. Era um padre “popular”. A fala local reporta os momentos dramáticos vividos no bairro em decorrência das enchentes. Por ser uma região de banhados, o lugar ficava submerso com facilidade, e o Pe. Rambo, além de ajudar no resgate de vítimas,

também abria a escola para que a comunidade, para abrigar os desalojados, como descreve Bodas (1986, p. 08):

[...] nas enchentes, corria por todo o lado, de botas altas ajudando, ou até substituindo os moradores flagelados para salvar-lhes mobílias, roupas e crianças, carregando estas e colocando-as em lugar seguro, geralmente no colégio [...]. Por isso o povo não o esquece.

A Depoente 1 lembra:

Quando tinha enchente ele corria pra todos os lados para ajudar, com umas botas altas, para salvar mobília, roupa, né. E as crianças ele carregava até um lugar seguro, ele botava um monte de gente ali na escola, que ali é mais alto, até baixar a água (Depoente 1, 74 anos, antiga moradora do Bairro Nossa Senhora de Fátima).

Com o tempo, mais famílias vieram morar no Bairro Nossa Senhora de Fátima, o que representava mais alunos para dar assistência, e o que motivou Pe. Rambo a idealizar e mesmo dar início à obra da nova igreja do bairro, a qual chamava de Santuário Nossa Senhora de Fátima.

4 A idealização e obra do santuário Nossa Senhora de Fátima

Pe. Rambo contava com amigos e colaboradores para a construção do Santuário. Já havia conquistado também a afeição dos moradores do bairro. Continuou assim a promover quermesses, rifas, e outros meios para angariar fundos. Pedia dinheiro em outras paróquias, em outras cidades. Alguns moradores afirmam que “em toda a esquina tinha gente vendendo rifa para o Pe. Rambo”. Conforme Bodas (1986, p. 09): “Ele insinua e recebe doações, estimula uns, convoca outros. Tanto do bairro como de outros lados; procura engenheiros e sugere plantas”. O Depoente 2 afirma: “Eu me lembro de ter um monte de mulheres da comunidade pedindo dinheiro para ajudar na obra. Elas andavam com um tal ‘Livro de Ouro’ na mão pra lá e pra cá em tudo que é lugar”. Sobre as rifas, a Depoente 1 também se recorda:

Tinha uma amiga que carregava tijolo para o Pe. Rambo, ajudava a construir. Ele era um anjo de pessoa, tinha uma paciência! Naquela época vendiam umas rifas, tipo uns cartõezinhos com furinhos para fazer, cada venda era um furinho que fazia no cartão. Essa minha amiga ia de casa em casa vender rifa para a construção da igreja, depois ela ia toda faceira correndo para o Pe. Rambo entregar aquele dinheirinho (Depoente 1, antiga moradora do Bairro Nossa Senhora de Fátima).

Pela fala da depoente, é possível aferir que havia um empenho coletivo pela causa da nova igreja. Salienta-se, nesse contexto, que o estudo da memória deve ser interpretado não como verdade absoluta, mas como uma interpretação pessoal dos depoentes. Pe. Rambo também contava com trabalho voluntário de pedreiros, serventes de obra, moradores do bairro, principalmente nos finais de semana. Um desses trabalhadores era o esposo da Depoente 1. Na Figura 10, vemos um importante documento, um folder, assinado pelo Pe. Rambo, onde ele esboça o projeto da igreja que pretendia construir, e ao lado pede apoio para concretizar a obra.



Figura 10

Frete e verso do panfleto assinado pelo Pe. Rambo indicando o projeto do Santuário Nossa Senhora de Fátima e solicitando contribuições para a construção

Acervo particular da Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

Para a construção da obra, além da Sociedade de Assistência Escolar, o documento cita ainda a colaboração do Grêmio de Nossa Senhora de Fátima. Conforme já dito, Pe. Rambo vivia pedindo recursos para a obra. Em sendo uma figura conhecida na região, portadora de carisma, ao visitar cidades vizinhas, como Rio Grande, Bagé e São Lourenço, aproveitava essas ocasiões para falar de sua missão e pedir contribuições para a construção da Igreja Nossa Senhora de Fátima. O Depoente 2 recorda quando ajudou na obra:

Quando começou a obra do santuário eu era novo, mas também ajudei. O Pe. Rambo recebia muita doação de resto de material. Tijolos já usados... daí ele nos dava uns trocados para nós limpar o que vinha, e ajudava na missa também, como coroinha. Eu trabalhava firme na obra do Santuário e não ganhava nada, a não ser uns trocados e uns cigarros às vezes do Pe. Rambo. Ele me dava o cigarro dele mesmo, forte pra caramba, 'Hudson' o nome. O Pe. Rambo também pegava no batente, trabalhava, carregava tijolos, tava sempre com a batina levantada, enfiada no cinto, parecia que andava de saia curta (Depoente 2, 68 anos, antigo morador do Bairro Nossa Senhora de Fátima).

Na análise do depoimento, que corrobora com a fala da Depoente 1, é interessante observar como o padre se utiliza da força de trabalho de mulheres e crianças, de certa forma “explorando” a sua mão-de-obra, impressão que é amenizada pelo fato do padre também pegar no “batente”. A lembrança da marca do cigarro dá certa credibilidade ao depoimento, por se tratar de uma memória viva, sensorial: o cigarro era “forte pra caramba” – principalmente para uma criança.

Bodas (1986, p. 12) afirma que, por toda a parte, Pe. Rambo acompanhava os pedreiros e, de plantas na mão, observava e conferia. Quando aparecia uma dificuldade, ele resolvia ou chamava o engenheiro. O depoimento acima demonstra a vontade pessoal do Pe. Rambo em ver o Santuário finalizado, trabalhando junto aos pedreiros. Em 27 de abril de 1958 foi feito o lançamento da pedra fundamental pelo Bispo Dom Antônio Zattera, com várias autoridades e fiéis.

Além dos aspectos mencionados, enfatiza-se a capacidade de administração e de liderança do Pe. Rambo, como nos fala o Depoente 2: “[...] Ele era o chefe da coisa toda. Ele conseguiu, em pouco tempo, mobilizar uma quantidade de gente, que se fez o que se fez em pouco tempo. Quando ele morreu o santuário já estava erguido!”. Portelli (2016) afirma que a repetição, no caso “em pouco tempo”, significa uma forma do depoente mesmo tentar compreender a história que está sendo contada.

5 A morte e homenagens ao Pe. Rambo

Em meio às atividades apostólicas, aconteceu o inesperado. O Pe. Rambo voltava do Santuário com seu motociclo, veículo que utilizava há vários anos. Ao cruzar uma das ruas da cidade, sofreu um acidente com um caminhão de carga. O Pe. Rambo, enquanto ainda falava, afirmou que entrou na rua com o sinal aberto para ele. O caminhão entrou com o sinal de advertência e tinha o freio deficiente (SPOHR, 2011, p. 522).

Era o dia 03 de dezembro de 1959. A motocicleta foi atingida na lateral, arrastada para cima da calçada, onde ficou prensada em uma árvore. Pe. Rambo chegou a ser atendido e levado à Santa Casa de Misericórdia, mas faleceu algumas horas depois, às 16 horas. Ainda lúcido, disse que não deixassem de fazer a festa de Natal das crianças do Bairro Nossa Senhora de Fátima, para a qual já estavam arrecadados os brinquedos, roupas e gêneros alimentícios.

Permaneceu lúcido até o último momento. Recebeu os últimos sacramentos, confissão e extrema unção do Pe. João Drábek. Suas últimas palavras [15] foram “Acho que vou desmaiar...”. Mas, de acordo com a Madre que atendia na Santa Casa, em relato que ficou arquivado por todos esses anos, ouviu ainda o Pe. Rambo dizer, três vezes: “- Verbum caro, factum est” [16] e também, repetidas vezes, a palavra “- Hodie...” [17]. Pe. Rambo tinha 56 anos de idade. A causa da morte, de acordo com a certidão de óbito, foi “fraturas de coxas e bacia, hemorragia interna e choque”.

Pe. Rambo foi velado no salão de honra da Santa Casa de Misericórdia. A cerimônia estendeu-se até o dia seguinte, quando, no começo da tarde, houve missa de corpo presente na capela da mesma, estando “superlotada de amigos e admiradores [...]” (Periódico DIÁRIO POPULAR, 06 dez. 1959, p. 03), presidida pelo Bispo Dom Antônio Zattera, que exaltou a personalidade do Pe. Rambo, através de suas virtudes religiosas e sociais. Após as homenagens, formou-se o cortejo fúnebre, com automóveis e pessoas, que seguiu pela Rua Sete de Setembro e que conduziu o corpo até a obra do Santuário Nossa Senhora de Fátima. Ali, na igreja inacabada, “outra multidão aguardava o corpo inerte de seu querido benfeitor [...],

homens, mulheres e crianças desfilaram chorosamente diante do esquife com os restos mortais” (DIÁRIO POPULAR, 06 dez. 1959, p. 03). Moradores do bairro e comunidade em geral puderam se despedir de seu guia espiritual, seu companheiro.

Às 17 horas o corpo foi conduzido ao cemitério com um cortejo de ônibus e automóveis. De acordo com Bodas (1986, p. 140), o comércio local fechou as portas espontaneamente para homenagear o Pe. Rambo, fato que ficou marcado na memória da Depoente 1: “Eu estava em casa quando ele morreu, o meu pai ainda era vivo. Fiquei tão nervosa. Ele veio pro Santuário para o velório. E quando foi o cortejo para o cemitério, as loja tudo, por todo o caminho foram fechando as portas em homenagem a ele”.

A notícia da morte do Pe. Rambo abalou a cidade de Pelotas de forma geral, mas principalmente o bairro Nossa Senhora de Fátima, onde ele havia promovido transformações significativas. Os periódicos em circulação naquele ano, “A Opinião Pública” (1959a) e “Diário Popular” (1959b), nos dias 04 e 05 de dezembro de 1959, destacaram com detalhes a tragédia, tecendo referências elogiosas e saudosas ao Pe. Rambo e descrevendo a consternação não só de Pelotas, mas de toda a região sul, pois o mesmo atuava em várias igrejas e capelas tanto na cidade como fora dela. Os periódicos fizeram ênfase à importância social da atuação dele em Pelotas, com a capela, a escola e o ambulatório em uma das zonas mais carentes do município. Bodas (1986, p. 13) afirma que o povo não se conformava com a perda, que foi uma ocasião dolorosa.

[...] figura apostolar de sacerdote e professor tão profunda que indubitavelmente se fixaram na vida religiosa, social e intelectual de Pelotas – resultaram em uma verdadeira consagração pública as homenagens prestadas ao sacerdote jesuíta padre Pedro Balduino Rambo [...] (Periódico Diário Popular, 06 dez. 1959b, p. 03).

O fato de um padre Jesuíta ser enterrado em outra cidade, que não na cidade de São Leopoldo, era (e ainda é) fato atípico na tradição da Ordem, pois, tanto a Casa de Saúde São José quanto o cemitério da Ordem dos Jesuítas encontram-se nesse município. Durante a pesquisa não foram encontradas motivações para que o sepultamento tenha ocorrido em Pelotas, senão o clamor e estima popular junto aos pelotenses. Spohr (2011) descreve um testemunho da época:

Um pai, com o filho no braço disse, inconsolável, diante do túmulo: “Oxalá eu tivesse morrido no lugar dele, por que ele sustentou a minha família e, se alguém adoecia, era ele que chamava o médico”. (SPOHR, 2011, p. 522).

A citação abaixo, resume de certa forma este artigo e nos remete, no mínimo, à reflexão sobre a memória do Pe. Pedro Balduino Rambo:

[...] compulsando os trabalhos e a envergadura moral e altruística dos seus objetivos, tem-se diante de todos um catequista de quilate inestimável, um obreiro de boas e justas causas, um devotado e destemido batalhador do próximo. Humilde, nos gestos e nas ações, esquecido de si mesmo, sempre atento a sorte de seu semelhante, o padre-criador, o padre-mestre, o padre-construtor, o padre-esmoler, tudo deu pela grandeza espiritual e educacional dos pelotenses e das suas entidades (DIÁRIO POPULAR, 05 dez. 1959, p. 03).

A reflexão que se propõe aqui concerne à maneira como aconteceram os fatos no bairro Nossa Senhora de Fátima, em um curto período de tempo. Em 1947, quando os primeiros moradores se instalaram no local, a situação era insalubre, não havia saneamento básico, tampouco quaisquer instituições de atendimento escolar, de saúde ou outras necessidades. Assim foi até 1954, quando chegou o Pe. Rambo. Desse ano até sua morte, em 1959, ele, além de dar esperança, através da fé, do atendimento, dos sacramentos, construiu a escola, que servia também como abrigo em caso de enchentes, como lugar para sociabilidades, para reuniões de associações, para cursos profissionalizantes, dentre outros fins. Bodas (1986, p. 15) afirma que quando o Pe. Rambo morreu, somavam-se cerca de 150 famílias residindo no Bairro Nossa Senhora de Fátima. Desse modo, em cinco anos, Pe. Rambo formou uma rede de atendimento, de serviços em prol do bem-estar dos moradores, o que Bodas (1986, p. 14) chama de “meteoro que a todos surpreende e causa admiração, mas que logo desaparece”.

Após sua morte, outros padres jesuítas assumiram a missão no bairro Nossa Senhora de Fátima, com o encargo principal de finalizar a igreja que Pe. Rambo começou a edificar. O Santuário foi inaugurado em 13 de maio de 1965. Durante os festejos de criação da Paróquia Nossa Senhora de Fátima foram trazidos os restos mortais do Pe. Rambo, transladados do cemitério São Francisco de Paula para o Santuário, para que ficassem na igreja que idealizou, morrendo na expectativa de vê-la concluída.

Na Figura 11 pode-se ver o busto do Pe. Rambo, que se encontra à esquerda de quem entra na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Percebe-se que a inscrição com o nome dele no mármore está apagada. O busto eventualmente é enfeitado com flores, como espécie de retribuição por graça alcançada, pois, de acordo com a fala popular, “o Pe. Rambo ainda ajuda o bairro, nas necessidades dos moradores, nas dificuldades encontradas [...]”.



Figura 11
Busto do Padre Balduino Rambo
Foto da autora Alessandra Buriol Farinha.

Considerações finais

Após a reconstituição das trajetórias do Pe. Rambo e do Bairro Nossa Senhora da Fátima, pode-se avançar sobre uma reflexão: o que seria de um determinado lugar se não fossem as experiências das pessoas ocorridas nele? De acordo com Benjamin (1987, p. 198), estamos continuamente sendo privados de uma determinada faculdade: a de intercambiar experiências. O autor afirma que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram os narradores.

Talvez seja esta uma explicação para o interesse em escrever sobre a vida do Pe. Rambo: pela capacidade que teve, conforme registram memórias e documentos, de experienciar, de interagir, de confluir forças, de unir pessoas em torno de objetivos comuns, ou de conseguir persuadir, de tornar comuns os seus próprios objetivos, por promover a

esperança e a mudança, em uma maneira de “intercambiar experiências” e assim provocar narradores, provocar pesquisadores, passadas mais de seis décadas de sua chegada ao bairro.

Pode-se afirmar que as narrativas dos então moradores do Bairro Nossa Senhora de Fátima, de Pelotas, sobre o Pe. Rambo fomentaram esse estudo, e mantêm vivas a sua memória pessoal e a história da constituição do bairro. A memória coletiva do padre e do bairro se entrelaçam. Não existem em separado. Essas narrativas, sustentadas nas trocas pretéritas de experiências, cumprem este objetivo, de manter viva a memória, objetivo que o monumento erguido em sua homenagem, o busto colocado em frente à igreja, não foi capaz de cumprir. Pode-se afirmar, portanto, que existe um descompasso entre, de um lado, a vívida presença do Pe. Rambo na memória dos antigos moradores e nos relatos populares da história do bairro, e, de outro, o progressivo esvanecimento de sua lembrança na paróquia Nossa Senhora de Fátima e nos relatos consolidados da história da cidade de Pelotas. Reposicionar a relevância do papel desempenhado por Pe. Rambo, na história da paróquia, da cidade e da região, parece uma justa missão assumida por essa pesquisa, dada a excepcionalidade de sua trajetória, seu reconhecido carisma e impactante papel social exercido.

Foi por meio do diálogo entre diferentes tipos de fontes – depoimentos de história oral, documentação eclesiástica, periódicos, impressos, fotografias, “fala local”, histórico oficial da paróquia – que foi possível restituir visibilidade histórica à atuação do Pe. Rambo. Ao mesmo tempo elucidou-se sobre esta trajetória do catolicismo na Várzea e sobre o entrelaçamento entre a breve passagem do padre pelo local e o impulso para o desenvolvimento desse bairro. A metodologia da história oral foi fundamental, não só pelas narrativas referentes às trajetórias estudadas (pessoal e de bairro), mas também por trazer a lume significados embrenhados nessas trajetórias. Como ressalta Portelli (2016, p. 159), a memória é mais do que um registro de experiência, do que um arquivo de dados, ela é uma ação de interpretação, reinterpretação e organização de significados.

Com essa pesquisa, que se pode dizer insipiente, busca-se estabelecer uma tessitura forjada entre a memória e história da trajetória do Pe. Rambo, principalmente em sua atuação em Pelotas, e aquilo que Bourdieu (1996, p. 190) chama “superfície social”, qual seja, a gênese, descrição e estágios sucessivos do bairro onde ele atuou. De acordo com esse autor, é impossível haver coerência na história de uma individualidade biológica se não considerar-se o meio, a estrutura social da vida que estava se desenvolvendo no espaço-tempo. Dessa forma, considera-se que a reconstituição da trajetória histórica e cultural do bairro Nossa Senhora de Fátima entrelaça-se com a história de vida do Pe. Rambo.

Spohr (2011, p. 522) ajuda a se compreender as raízes desta imbricação entre um personagem e o bairro por onde passou, ao colocar que o padre teria consagrado a vida à proteção dos pobres e operários. Nesse sentido, principalmente, é que o chamamos de um “homem comum”, que é onde jaz seu carisma, por querer sempre estar e agir com outros homens comuns, principalmente com os pobres.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BODAS, Viriato da Graça. Paróquia Nossa Senhora de Fátima: subsídios para sua história. Descrição dos 20 primeiros anos da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Exemplar único, datilografado. Pelotas, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira; AMADO, Janaína (org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CNCMB – Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil. Disponível em: . Acesso em: 27 dez. 2017.
- DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. Revista Topoi, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009.
- ESSINGER, Cintia Vieira. Entre a Fábrica e a Rua: a companhia Fiação de Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário, bairro da Várzea, Pelotas – RS (1953 – 1974). 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
- LIVRO TOMBO. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Pelotas, RS, 1965.
- MENDES, Fabio Raniere da Silva; ALVES, Marcelo Möller (org.). Centenário Diocese de Pelotas. Pelotas: Do Autor, 2010.
- MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. Habitação Popular em Pelotas (1880-1950): entre políticas públicas e investimentos privados. 2006. 249p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em História do Brasil. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- PERIÓDICO A OPINIÃO PÚBLICA, Pelotas, RS, dez. 1959a.
- PERIÓDICO DIÁRIO POPULAR, Pelotas, RS, dez. 1959b.
- PORTELLI, Alessandro. Ensaios de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994.
- SPOHR, Inácio. Memória de 665 jesuítas da Província do Brasil Meridional. Porto Alegre: Padre Reus, 2011.
- TAMBARA, Elomar. A formação ideológica do trabalhador na Diocese de Pelotas - RS: a consolidação do ultramontanismo (1910-20). Cadernos de Educação. Faculdade de Educação – UFPel, ano 5, n. 6, jun. 1996.

Depoentes

Depoente 1

Antiga moradora do Bairro Nossa Senhora de Fátima, 74 anos. Entrevista concedida a Alessandra Buriol Farinha, em 16 de março de 2016 – Pelotas (42min51s).

Depoente 2

Antigo morador do Bairro Nossa Senhora de Fátima, 69 anos. Entrevista concedida a Alessandra Buriol Farinha em 13 de março de 2016 – Pelotas (42min31s).

Notas

- [1] É válido salientar que não se trata do homônimo Pe. Balduino Rambo, S.J. (1905-1961), jesuíta nascido igualmente em Tupandi, conhecido botânico, professor, fundador da cátedra de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ex-diretor do departamento de História Natural da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura e do Museu Riograndense de História Natural.
- [2] Ordem religiosa fundada em 1534 por estudantes da Universidade de Paris: o basco Iñigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Inácio de Loyola; Pedro Fabro, Francisco Xavier, Afonso Bobadilha, Diogo Laínez, Afonso Salmeirão e Simão Rodrigues. A Companhia de Jesus foi aprovada oficialmente em 1540 pelo Papa Paulo III. Seus membros são conhecidos como Jesuítas. A Companhia de Jesus é reconhecida no mundo inteiro pelo seu trabalho missionário e pela sua atuação nas áreas educacional, espiritual, intelectual e social (Disponível em <http://www.jesuitasbrasil.com/>).
- [3] O Circulo Operário de Pelotas (COP) foi o primeiro do Brasil, fundado em 1932 pelo Pe. Leopoldo Brentano, S.J.. Os círculos operários constituíam-se em um tipo de associação paralela aos sindicatos de trabalhadores, tendo por objetivo orientar a atuação destes. O COP mantinha mecanismos que visavam ao auxílio aos trabalhadores, tais como: atendimento jurídico e médico gratuitos, com distribuição de remédios; criação de uma vila operária e de uma padaria, com preços inferiores ao do mercado, assim como de uma casa de saúde e de um colégio (TAMBARA, 1996).
- [4] De acordo com Moura (2006, p. 120), a região da Várzea corresponde à área delimitada ao sul pelo Canal São Gonçalo, ao norte pela Rua General Neto, a oeste pela Rua Almirante Barroso e a leste pela Avenida Juscelino Kubitschek.
- [5] A escola funciona atualmente, no mesmo prédio utilizado como capela, com o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rambo.
- [6] O português Pe. Viriato da Graça Bodas foi pároco na Paróquia Nossa Senhora de Fátima de 1966 a 1989. Em comemoração aos 20 anos de existência da paróquia escreveu um livro de memórias do surgimento do bairro até 1986. Essa publicação desempenhou nesta pesquisa papel equivalente a uma fonte primária, e de grande importância, tanto para se conhecer e compreender a história, quanto para se cotejarem informações aportadas pelos registros orais dos depoentes e pela “fala local” (testemunhos orais observados em campo e durante convívio de vizinhança).
- [7] Categoria utilizada nesta pesquisa para tipificar o levantamento, sistemático e assistemático, de vozes que expressam memórias relativas à trajetória do personagem e bairro estudados, que, do mesmo modo que os depoimentos de história oral, são expressão das memórias individuais e coletivas que se conservam na oralidade. O acesso a essa “fala local” se deu por meio do convívio com a vizinhança da paróquia e com moradores do bairro, seja no período de pesquisa em si, em que essas falas foram registradas em caderno de campo, seja em períodos anteriores à pesquisa, em razão de uma das autoras deste estudo ter residido por muitos anos nesse bairro, próximo à paróquia.
- [8] Vide apêndice.
- [9] Um dos autores reside próximo ao bairro Nossa Senhora de Fátima, tendo acesso e contato com antigos moradores.

- [10] Grande parte das informações dessa parte do artigo foram extraídas do livro de autoria do Pe. Inácio Spohr, *Memória de 665 Jesuítas da Província do Brasil Meridional* (SPOHR, 2011).
- [11] Dados retirados da Certidão de Óbito do Pe. Pedro Balduino Rambo.
- [12] Sacerdote responsável pelos ofícios religiosos de uma capela.
- [13] Juntamente à escola Nossa Senhora das Graças, conhecida como “Escola da Cerquinha”, funcionou o Semi-Internato do COP. De ensino primário, chegou a matricular 280 alunos, sendo admitidos meninos de 7 a 13 anos. Estes eram atendidos por professores municipais (TAMBARA, 1996).
- [14] As Congregações Marianas tiveram início em 1563, quando o jesuíta Pe. Jean Leunis começou, entre os alunos do Colégio Romano, em Roma, um grupo cujos membros se distinguiam por uma vida cristã e mariana fervorosa e pela prática de diversas formas de apostolado. As congregações logo se espalharam pelo mundo, formada primeiramente por homens. Havia Congregações dos padres, dos nobres, dos comerciantes, dos operários, dos funcionários, dos homens casados, de homens solteiros, de soldados, e assim por diante, com cada um confinado a uma classe especial de pessoas. Em 1751, por meio do Papa Bento XIV, que foi permitido nas Congregações Marianas o ingresso de mulheres, casadas ou solteiras. Os Congregados Marianos do Brasil podem ser reconhecidos nas reuniões ou celebrações da Igreja pela fita da cor azul (cor litúrgica da Virgem Maria) que pende do pescoço, em cuja extremidade está uma medalha prateada com a imagem do Nosso Senhor Jesus Cristo de um lado, e de outro a da Virgem Maria. (CNCMB, 2017).
- [15] Informações colhidas no Bispado da Arquidiocese de Pelotas.
- [16] Tradução do latim: “E o verbo se fez carne”.
- [17] Tradução do latim: “Hoje...”.
- * Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural. Professora Assistente do Curso de Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa. E-mail: alefarinha@yahoo.com.br.
- ** Doutor em História. Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador CNPQ PQ-2 e Fundação Humboldt. E-mail: fabiovergara@uol.com.br.

Autor notes

- * Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural. Professora Assistente do Curso de Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa. E-mail: alefarinha@yahoo.com.br.
- ** Doutor em História. Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador CNPQ PQ-2 e Fundação Humboldt. E-mail: fabiovergara@uol.com.br.